

UMA LEITURA DE MÃOS DE CAVALO UTILIZANDO JUNG E BORGES

ADRIANO BELMUDES ANTUNES¹; AULUS MANDAGARÁ MARTINS
ORIENTADOR²

¹ Universidade Federal de Pelotas – recuperandoadriano@msn.com

² Universidade Federal de Pelotas – aulus.mm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A proposta é fazer uma leitura de *Mãos de Cavalo* de Daniel Galera utilizando Jung e Borges, especificamente o livro de Carl Jung *Psicologia e Religião* e o conto de Jorge Luiz Borges A outra morte. Assim num exercício de Literatura Comparada procuro demonstrar que a problemática da memória coletiva e individual presente em Borges, bem como ausência de uma fronteira rígida entre subjetivo e objetivo em Jung, contribuem para a temática da segunda chance presente na obra de Daniel Galera.

Esta proposta de análise centrada especialmente no capítulo intitulado 6h43 do livro *Mãos de Cavalo*, sem torcer o cunho realista da narrativa, parte da experiência individual de Hermano de uma realidade muito própria, mas nem por isso menos real, no sentido que marca justamente como experiência a resolução de um conflito interior cujas memórias o atormentam durante boa parte de sua existência.

Tal experiência é real, mesmo que imaginada, torna possível sua reconciliação consigo e com outros personagens ao final do romance, obtendo assim o personagem central sua redenção ou uma segunda chance de reescrever sua história de vida livre do peso do passado e das memórias traumáticas que carregava.

2. METODOLOGIA

Partindo da análise do personagem central, Hermano, e sua conduta descrita desde a infância ao longo do texto, é possível perceber um descompasso com as qualidades de coragem exibidas no capítulo 6h43, assim é um personagem que demonstrou provas de covardia ou inclusive de ser um pusilânime ao longo da vida como ao não encarar Bonobo quando de maneira deliberada o derruba com uma pedalada no campinho de futebol, assistir a briga na festa de Isabela ou ficar paralisado pelo medo durante o parto da própria filha. É esta covardia que o mantém refém da imobilidade. E nos momentos quando toma uma atitude corajosa/suicida como quando corre loucamente de bicicleta em direção ao desastre é somente porque deseja ser um super-herói aos olhos de outros, e aí tanto faz ser os outros enquanto expectador ou ele mesmo visto através de uma câmera.

É um personagem metódico, previsível em suas ações, para acreditar, como nos induz a narrativa, que o personagem simplesmente retorna ao bairro de sua juventude e na mesma rua onde Bonobo foi assassinado consegue salvar um adolescente das agressões de um grupo mais numeroso são necessárias utilizar algumas mediações para melhor compreender esta passagem do texto.

Uma mediação foi a utilização do conto A outra morte como ponto de partida das problematizações da reconstrução pela memória de um personagem ou eventos, e principalmente pela temática da segunda chance, onde o personagem cuja história é retratada, Pedro Damián, se redime de um ato de covardia, morrendo por fim reconciliado consigo. Esta redenção ou segunda oportunidade

também é uma busca constante de Hermano já que durante todo o tempo que vai do assassinato de Bonobo até quando finalmente ajusta contas com o passado, seu único desejo é uma oportunidade de provar a si mesmo que se tiver uma segunda chance irá aproveitar bem.

A cena descrita no capítulo é um somatório improvável de coincidências, mudança de rota, ao invés de ir para casa de Renan retorna ao bairro onde morou, reconhecimento do local onde Bonobo foi morto, grupo de adolescentes agressores perseguindo um indivíduo, etc.

Esta cena acontece realmente na imaginação de Hermano. Mesmo sendo uma experiência psíquica não quer dizer que seja menos real, já que “a única forma de existência da qual temos conhecimento imediato é a psíquica” (JUNG, 1984, p.14) e mais adiante ao não separar de forma estanque o que é objetivo, realidade que pode ser aferida por instrumentos e é vivenciada de forma semelhante por diferentes indivíduos, e o subjetivo entendido enquanto forma de realidade que existe somente na mente de um único indivíduo, Jung afirma: “se um homem imaginasse que eu sou seu pior inimigo e me matasse, eu estaria morto por uma mera fantasia. As fantasias existem e podem ser tão reais, nocivas e perigosas quanto os estados físicos” (JUNG, 1984, p.14)

O paralelo com a psicanálise aqui é válido. Um terapeuta (crítico literário ou leitor) não utiliza tanto o material que seu paciente (o narrador) fornece ao falar sobre si mesmo (discurso) ou aquilo que relata (texto), mas também e principalmente os lapsos, atos falhos, silêncios, entonação, ênfase, entre outros fenômenos da comunicação presentes no discurso do paciente no momento em que fala sobre si mesmo (intertextualidade em relação com outros textos ou discursos presentes no discurso do narrador).

3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ato de covardia de Hermano durante sua juventude se transforma no eixo de complexibilidade deste personagem, suas escolhas e a obsessão em ajustar as contas com um passado ao mesmo tempo tão presente e do qual não consegue se desvencilhar.

Inúmeras vezes, nos últimos anos, tinha interrompido seja lá o que estivesse fazendo pra procurar o primeiro local reservado e encolher os ombros, cerrar os punhos, socar paredes e às vezes até libertar uma ou duas lágrimas com o desejo de que fosse possível voltar no tempo e defender o Bonobo do espancamento que resultou na sua morte, nem que isso implicasse a sua própria morte, porque era a coisa certa a fazer, a atitude que o homem que ele gostaria de ter sido teria tomado naquelas circunstâncias, à revelia das consequências. (GALERA, 2006, p.176)

Essa angustia perdurará até o momento certo onde pode finalmente se encarar, encarar o passado e escalar *sozinho* o Cerro Bonete, ou seja, ao invés de ir para a casa de seu amigo Renan e juntos partirem em direção ao altiplano boliviano, seu desafio será mais difícil, pois se trata de um ajuste de contas com o passado e com sua autoimagem, e aqui temos a temática da segunda chance tal como no conto de Borges.

Em vão, me repeti que um homem acossado por um ato de covardia é mais complexo e mais interessante que um homem meramente corajoso. (BORGES, 1972, p.57)

A forma de uma fantasia psíquica encontrada pelo narrador para ter uma segunda chance de “salvar” Bonobo e por consequência a si mesmo, sem distorcer a narrativa realista, é uma das formas de ler este capítulo.

O caráter previsível do personagem, seu senso de responsabilidade e toda a construção narrativa até este momento apontam na direção de que realmente Hermano irá à casa de Renan e juntos partirão para a Bolívia para escalar o Cerro Bonete. Não há nenhum indício que outro curso narrativo terá lugar. Nenhum indício que o personagem terá uma segunda chance de se redimir do passado.

Mas os acontecimentos vão se sucedendo como numa sequência cinematográfica e o personagem Hermano “vê a cena toda do alto” (GALERIA, 2006, p.149) a comparação com o personagem de Mad Max é o mote utilizado no texto. Um herói solitário enfrentando forças e inimigos numericamente superiores. É um tema recorrente no imaginário de muitas pessoas e presente em várias narrativas. Este tema leva pessoas comuns a se identificarem com grupos de bravos idealistas que a custa de sua própria vida defendem os ideais que acreditam mesmo quando completamente cercados ou quando as chances de vitória são diminutas desde os 300 do espartano Léonidas até Luke Skywalker em Star Wars.

Hermano afirma “faz tempo que não se entrega a fantasia com tanta vontade” (GALERIA, 2006, p.153) e que fantasia é essa senão aquela que tem acalentado durante 15 anos, a fantasia da segunda chance, de provar seu valor diante de si mesmo enfrentando seus fantasmas, escalando o seu Cerro Bonete já que ninguém além dele conhece o que realmente ocorreu na noite em que Bonobo foi morto. Faz parte da escalada ao cume do Cerro “a noção de que na verdade é um homem solitário e renegado que está abandonando todas as conexões com sua vida passada pra buscar algo em suas origens, dirigindo seu veículo por uma terra hostil até que o acaso lhe dá a oportunidade de fazer justiça com sua bravura.” (GALERIA, 2006, p.154)

Após a cena do confronto e dando a tarefa por concluída Hermano responde à Renan durante a conversa telefônica “Já fui pro Bonete e já voltei” (GALERIA, 2006, p.155). A própria maneira como Hermano encara ao garoto ao qual acabou de salvar é textualmente a descrição de si mesmo “tem a impressão de que está encarando a si mesmo quinze anos atrás. É como se o garoto fosse uma versão dele próprio que reagiu de maneira diferente a um certo episódio que ele faz de tudo pra não lembrar, mas lembra, em flashbacks com cortes rápidos” (GALERIA, 2006, p.157)

Sintomático também é o fato que após salvar o adolescente Hermano vai “ao local onde aguardarão até que suas feridas cicatrizem” (GALERIA, 2006, p.154). Cicatrizar uma ferida é curá-la por completo até que reste no máximo uma cicatriz como lembrança. O local onde se dirige é para a casa de Naiara no capítulo 8h04. Naiara, irmã de Bonobo, representa também uma primeira experiência de Hermano com o sexo, experiência essa que não chega a ser completa, bem como a determinação da escolha do nome de sua filha Nara à qual durante o parto quase vem a falecer.

É aqui e na presença da irmã de Bonobo que a absolvição estará completa. Naiara jamais soube que a covardia de Hermano contribuiu para a morte do irmão. Mas esse pedido de perdão, o ato de se redimir diante da família do amigo é onde o personagem sente que seu drama finalmente teve fim levanta e sai em silêncio da casa de Naiara, “pois ambos ainda dividem algo especial, só deles, em memórias que ainda podem ser recuperadas, embora já não signifiquem quase nada na prática” (GALERIA, 2006, p.179)

5.CONCLUSÃO

A partir desta proposta de leitura da narrativa, analisando as características da personalidade de Hermano e retirada toda uma série de coincidências habilmente colocadas no texto para induzir ao leitor numa determinada direção, o que sobra é uma tentativa de leitura que explique como se deu esse ajuste de contas do personagem com o passado obtendo assim sua segunda chance como explicitada de maneira mais direta no conto de BORGES.

Esta fantasia ou uma realidade muito própria utilizada para este ajuste de contas com o passado, permite, sem sair do cunho realista da narrativa, resolver o impasse do personagem. Impasse este relacionado com o peso das memórias, mais especificamente de um evento traumático e as consequências que tal acontecimento teve nas escolhas posteriores de Hermano, como sua profissão, casamento, amizades, etc.

Sua complexibilidade enquanto personagem deve-se justamente ao fato de sua covardia e os sentimentos recorrentes ao longo dos anos ditarem em grande parte de suas ações.

Ler o texto de Daniel Galera na perspectiva do texto de JUNG, ou seja, como uma maneira no nível psíquico pela qual Hermano resolveu seu conflito interno, é uma maneira de fazer uma mediação entre um personagem que quer libertar-se do peso do passado cujas memórias são pesadas e opressivas, em direção ao supremo acerto de contas consigo mesmo.

6.BIBLIOGRAFIA

- BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.
- CUNHA, João Manuel dos Santos. Mão de Cavalo e a permanência da literatura em tempos de midiatização digital. IN PEREIRA, Helena Bonito (org). **Novas leituras da ficção brasileira no século XXI**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. p.197-224.
- GALERA, Daniel. **Mão de Cavalo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JUNG, Carl. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1984.